

---

Ninguém imagina que um dia possa ficar com uma morta nos braços, cujo rosto nunca mais verá, mas cujo nome recorda. Ninguém imagina que se possa morrer num momento inoportuno, embora isso aconteça frequentemente, e julgamos que não há-de morrer ninguém, inesperadamente, ao nosso lado. Muitas vezes ocultam-se os factos ou as circunstâncias: tanto os vivos como quem está a morrer — se tiver tempo de se aperceber — envergonham-se com frequência da forma da morte possível e das suas aparências, bem como da causa. Uma indigestão de marisco, um cigarro aceso ao adormecer que pega fogo aos lençóis ou, pior ainda, à lã de uma manta; uma escorregadela no duche — a nuca — e a fechadura trancada da casa de banho, um raio que parte uma árvore numa grande avenida, árvore essa que ao cair esmaga ou ceifa a cabeça de um transeunte, talvez de um estrangeiro; morrer em peúgas, ou no cabeleireiro com uma bata comprida à volta do pescoço, num prostíbulo ou no dentista; ou a comer peixe, com uma espinha atravessada, morrer engasgado como as crianças cuja mãe não toma a iniciativa de lhes meter um dedo pela boca abaixo para as salvar; morrer a meio de fazer a barba, com uma bochecha cheia de espuma e a barba já desigual até ao fim dos tempos se ninguém reparar nisso e, por piedade estética, acabar o trabalho; para não mencionar os momentos menos nobres da existência, os mais recônditos, aqueles de que nunca se fala fora da adolescência, porque fora dela não há desculpa, embora também haja quem os aligeire fazendo graças que nunca têm graça. Mas *essa* é uma morte

terrível, diz-se de algumas mortes; mas *essa* é uma morte ridícula, diz-se também, entre gargalhadas. As gargalhadas surgem porque se fala de um inimigo finalmente extinto ou de alguém remoto, alguém que nos fez uma afronta ou que habita há muito no passado, um imperador romano, um tataravô, ou alguém poderoso cuja morte grotesca é vista apenas como a justiça ainda vital, ainda humana, que no fundo desejaríamos para toda a gente, incluindo nós próprios. Como me alegro com essa morte, como a lamento, como a aplaudo. Às vezes basta para a hilaridade que o morto seja alguém desconhecido, cuja desgraça inevitavelmente risível lemos nos jornais, coitadinho, comentamos entre risadas, a morte como representação ou como espectáculo que é noticiado, todas as histórias que se contam ou lêem ou ouvem entendidas como teatro, há sempre um certo grau de irrealidade naquilo de que nos informam, como se nada se passasse nunca em absoluto, nem sequer aquilo que nos acontece e não esquecemos. Nem sequer o que não esquecemos.

Há um grau de irrealidade no que me tem acontecido, e aliás ainda não terminou, ou talvez devesse utilizar outro tempo verbal, o clássico na nossa língua quando contamos, e dizer *no que me aconteceu*, embora não esteja terminado. Talvez agora, ao contá-lo, me dê vontade de rir. Mas não creio, porque ainda não é remoto e a minha morta não habita no passado há muito nem foi poderosa nem uma inimiga, e sem dúvida que também não posso dizer que fosse uma desconhecida, embora soubesse pouco acerca dela quando morreu nos meus braços — agora, porém, sei mais. Foi uma sorte que ainda não estivesse despida, ou pelo menos não na íntegra, estávamos justamente no processo de nos despirmos um ao outro, como costuma acontecer na primeira vez que isso acontece, isto é, nas noites inaugurais que adquirem a aparência do imprevisto, ou que fingimos não serem premeditadas

para deixar o pudor a salvo e podermos ter depois uma sensação de inevitabilidade e assim pôr de parte a eventual culpa; as pessoas acreditam na predestinação e na intervenção do destino, quando lhes convém. Como se, chegado o momento, todos tivessem interesse em dizer: «Eu não procurei isto, eu não queria», quando as coisas correm mal ou se tornam deprimentes, ou um dos dois se arrepende, ou acaba por se magoar. Eu não procurei isto nem o queria, deveria dizer agora que sei que ela morreu, e que morreu inoportunamente nos meus braços mal me conhecendo — imerecidamente, não me competia estar a seu lado. Ninguém acreditaria em mim se o dissesse, o que na verdade não importa muito, visto que sou eu que estou a contar, e ou me ouvem ou não me ouvem, só isso. Não procurei isto, não o queria, digo portanto agora, e ela já não pode dizer o mesmo nem qualquer outra coisa nem desmentir-me, a última coisa que disse foi: «Ai, meu Deus, e o menino?» A primeira coisa que disse foi: «Não me sinto bem, não sei o que tenho.» Quero dizer, a primeira coisa depois da interrupção do processo, já tínhamos chegado ao seu quarto e estávamos meio deitados, meio vestidos e meio despídos. De repente afastou-se e tapou-me os lábios como se não quisesse deixar de os beijar sem a transição de outro carinho ou outro toque, empurrou-me suavemente com a mão e voltou-se, colocando-se de costas, e quando eu lhe perguntei «O que se passa?», respondeu-me isto: «Não me sinto bem, não sei o que tenho.» Vi-lhe então a nuca, que nunca vira, com o cabelo um pouco levantado e um pouco despenteado e um pouco suado, e não estava calor, uma nuca do século dezanove pela qual corriam estrias ou fios de cabelo negro e colado, como sangue meio seco, ou barro, como a nuca de alguém que escorregou no duche e ainda teve tempo de fechar a torneira. Foi tudo muito rápido e não deu tempo para nada. Nem para chamar um médico (mas que médico, às três da madrugada, os

médicos já nem sequer à hora das refeições vão ao domicílio), nem para avisar um vizinho (mas que vizinho, eu não os conhecia, não estava em minha casa nem estivera nunca naquela casa em que era um convidado e agora um intruso, nem sequer naquela rua, poucas vezes no bairro, há muito tempo), nem para chamar o marido (mas como poderia eu chamar o marido, e além disso ele estava em viagem, e eu nem sequer sabia o seu nome completo), nem para acordar o miúdo (e para que acordaria o miúdo, que tanto custara a adormecer), nem sequer para eu próprio tentar ajudá-la; sentiu-se mal de repente, a princípio pensei, ou pensámos ambos, que lhe caíra mal o jantar com tantas interrupções, ou pensei só eu que talvez já estivesse a ficar deprimida ou arrependida ou tivesse tido medo, estas três coisas tomam com frequência a forma do mal-estar e da doença, o medo e a depressão e o arrependimento, sobretudo se este último aparece simultaneamente aos actos que o provocam, tudo ao mesmo tempo, um sim e um não e um talvez e entretanto tudo continuou ou desapareceu, a desgraça de não saber e ter de agir porque é preciso dar um conteúdo ao tempo que urge e continua a passar sem esperar por nós, que vamos mais lentamente: decidir sem saber, agir sem saber e portanto prevendo, a maior e a mais comum das desgraças, prevendo o que vem a seguir, considerada normalmente como desgraça menor, mas constatada por todos diariamente. Algo a que nos habituamos, de que não fazemos muito caso. Sentiu-se mal e não me atrevo a dizer o seu nome, Marta, assim se chamava, Téllez era o seu apelido, disse que sentia uma indisposição e eu perguntei: «Mas que tipo de indisposição, do estômago ou da cabeça?» «Não sei, uma indisposição terrível, de tudo, do corpo todo, sinto-me morrer.» Todo aquele corpo começava a estar nas minhas mãos, as mãos que percorrem tudo, as mãos que apertam ou acariciam ou procuram e também batem (oh, foi sem querer,

involuntariamente, não deves fazer caso), às vezes gestos maquinais das mãos que vão tacteando todo um corpo que ainda não sabem se lhes agrada, e de repente esse corpo tem uma indisposição, o mais difuso dos mal-estares, o corpo todo, como ela dissera, e a última coisa que pronunciara, «sinto-me morrer», dissera-o literalmente, não como frase feita. Ela não acreditava nisso, nem eu, além do mais, dissera: «Não sei o que tenho.» Insisti, porque perguntar é uma maneira de evitar fazer; não só perguntar como falar e contar evita os beijos e evita os sustos e tomar medidas, abandonar a espera, e o que poderia eu fazer, sobretudo a princípio, quando tudo parecia ser passageiro de acordo com as regras do que sucede e do que não sucede, que por vezes se quebram. «Mas tens vontade de vomitar?» Ela não respondeu com palavras, fez um gesto negativo com a nuca de sangue semi-seco ou barro, como se lhe custasse falar. Levantei-me da cama e dei a volta e ajoelhei-me a seu lado para lhe ver a cara, pus-lhe a mão no antebraço (tocar consola, a mão do médico). Naquele momento tinha os olhos cerrados, pestanas longas, como se a incomodasse a luz da mesa-de-cabeceira que ainda não tínhamos apagado (mas eu pensava fazê-lo muito em breve, antes da sua indisposição hesitara entre apagá-la logo ou esperar um pouco: queria ver, ainda estava por ver aquele corpo novo que com certeza me agradaria, não a apagara). Deixei-a acesa, agora podia ser-nos útil tendo em conta o seu repentino estado, de doença ou depressão ou medo ou arrependimento. «Queres que chame um médico?», e pensei nas improváveis urgências, fantasmagorias da lista telefónica. Negou novamente com a cabeça. «Onde te dói?», perguntei, e ela apontou vagamente uma zona imprecisa que apanhava o peito e o estômago e mais abaixo, na realidade o corpo todo menos a cabeça e as extremidades. O estômago já estava a descoberto, mas o peito não tanto, ainda tinha vestido (embora já desapertado) o *soutien*

sem alças, um vestígio do Verão, semelhante à parte superior de um biquíni, estava-lhe um pouco pequeno e talvez o tivesse posto, embora fosse ligeiramente antigo, porque me esperava nessa noite e era tudo premeditado contrariamente às aparências e aos acasos trabalhosamente forjados que nos tinham levado até à sua cama de casal (sei que algumas mulheres usam de propósito tamanhos mais pequenos, para realçarem o peito). Eu desapertara-o, mas o *soutien* não caíra, a Marta segurava-o ainda com os braços, ou com as axilas, talvez agora sem querer. «Está a passar?» «Não, não sei, acho que não», disse ela, a Marta Téllez, já sem a sua voz suave e num tom alterado pela dor ou pela angústia, pois na realidade não sei se tinha dor. «Espera um pouco, quase não consigo falar», acrescentou — sentir-se mal dá preguiça —, e no entanto continuou a falar, não estava tão mal que se esquecesse de mim, ou era atenciosa em qualquer circunstância e mesmo que estivesse a morrer, no meu escasso contacto com ela parecera-me uma pessoa atenciosa (mas nessa altura não sabíamos que estava a morrer): «Coitado», disse ela, «não contavas com isto, que noite terrível». Não contava com nada, ou talvez sim, com aquilo que ela também contava. A noite não fora terrível até então, talvez um pouco aborrecida, e não soube se adivinhava já o que lhe ia acontecer ou se se referia à espera excessiva por culpa do miúdo sem sono. Levantei-me, dei outra vez a volta à cama e recostei-me no lado que ocupara antes, o esquerdo, pensando (tornei a ver a sua nuca imóvel estriada, arrepiada como se tivesse frio): «Talvez seja melhor esperar e não lhe perguntar nada durante um bocado, deixá-la em paz para ver se lhe passa, não a obrigar a responder a perguntas nem a avaliar a todo o momento, se está um pouco melhor ou um pouco pior, pensar na doença agudiza-a, assim como vigiá-la com demasiada insistência.» Fitei as paredes daquele quarto em que não reparara ao entrar porque estava

a olhar para a mulher, antes vivaz ou tímida e agora abatida, que me conduzia pela mão. Havia um espelho de corpo inteiro em frente da cama, como se fosse o quarto de um hotel (um casal que gostava de se observar, antes de sair à rua, antes de se deitar). O resto, pelo contrário, era um quarto doméstico, de duas pessoas, havia vestígios de um marido na mesa-de-cabeceira que ficava do meu lado (ela deslizara desde o princípio para o lugar que devia ocupar todas as noites, num movimento indiscutível e mecânico, e todas as manhãs): uma calculadora, um abre-cartas, uma máscara de avião para proteger os olhos da luz do oceano, moedas, um cinzeiro sujo e um despertador com rádio, no compartimento inferior, uma embalagem de tabaco onde restava apenas um maço, um frasco de colónia muito viril da Loewe que lhe deviam ter oferecido, talvez a própria Marta num aniversário recente, dois romances também oferecidos (ou não, mas eu não me via a comprá-los), um tubo de Redoxon efervescente, um copo vazio que ele não tivera tempo de tirar de lá antes de ir de viagem, o suplemento de uma revista com a programação da televisão, não a veria, nesse dia estava fora. A televisão estava aos pés da cama, ao lado do espelho, gente comodista, durante um instante ocorreu-me acendê-la com o comando à distância, mas o comando estava na outra mesa-de-cabeceira, na da Marta, e tinha de dar outra vez a volta ou incomodá-la com o braço esticado por cima da cabeça dela; em que estaria a pensar, talvez se era depressão ou medo o que a atacara. Estiquei o braço e peguei no comando, ela nem se apercebeu, embora eu lhe tenha roçado no cabelo com a manga levantada da minha camisa. Na parede da esquerda havia uma reprodução de um quadro um tanto piroso que está em Frankfurt e que conheço bem, do pintor Bartolomeo da Veneza, representa uma mulher com coroa de louros, touca e alguns caracóis na cabeça, diadema na testa, um ramo de florzinhas várias na

mão erguida e um seio a descoberto (bastante enfezado); na da direita havia armários embutidos pintados de branco, como as paredes. Lá dentro deviam estar as roupas que o marido não levava na viagem a Londres, a maioria, era uma ausência breve segundo me dissera a mulher durante o jantar. Havia também duas cadeiras com roupa por arrumar, talvez suja ou talvez acabada de lavar e ainda por passar a ferro, a luz da mesa-de-cabeceira da Marta não a iluminava bem. Numa das cadeiras vi roupa de homem, um casaco pendurado no espaldar como se este fosse um cabide, umas calças ainda com o cinto, a fivela grande (o fecho-éclair aberto, como em todas as calças que alguém despiu), duas camisas claras desabotoadas, o marido estivera naquele lugar há pouco, naquela mesma manhã ter-se-ia levantado ali mesmo, deixando a almofada em que eu agora apoiava as costas, e devia ter decidido mudar de calças, à pressa, talvez a Marta se tivesse recusado a passá-las a ferro. Aquelas peças de roupa ainda respiravam. Na outra cadeira, pelo contrário, havia roupa de mulher, vi umas meias escuras e duas saias da Marta Téllez, não eram do estilo da que ainda tinha vestida mas mais chiques, talvez tivesse estado a prová-las, indecisa, até minutos antes de eu bater à porta, para os encontros galantes nunca sabemos o que vestir (eu não tivera problemas, para mim não era garantido que fosse galante, e a minha indumentária é monótona). A saia escolhida estava a ficar muito amarrotada na postura que ela adoptara, a Marta estava dobrada sobre si mesma, vi que apertava os polegares com os outros dedos, as pernas encolhidas como se fizessem um esforço para acalmar o estômago e o peito com a sua pressão, como se quisessem travá-los, a posição deixava as cuecas a descoberto, e as cuecas, por sua vez, parte das nádegas, eram cuecas reduzidas. Pensei puxar-lhe a saia para baixo num repentino recato e para não se amarrotar tanto, mas não podia evitar gostar do que via e era duvidoso que pudesse ver mais

— ainda mais — se ela não melhorasse, e a Marta talvez tivesse contado com essas pregas, que já tinham começado a aparecer na saia antes, como costuma acontecer nas noites inaugurais, em que não há respeito pela roupa que se vai tirando, nem pela que vai ficando, mas apenas pelo novo corpo desconhecido: talvez por isso ainda não tivesse passado a ferro nada do que estava pendente, porque sabia que, de qualquer forma, no dia seguinte teria de passar também a saia que ia usar naquela noite, qual delas, a que a favorecesse mais, na noite em que me receberia tudo se enrugaria ou se sujaria ou se estragaria e ficaria momentaneamente impróprio.

Comecei a baixar o som da televisão com o comando antes mesmo de a acender e, como eu pretendia, apareceu a imagem sem som e ela nem se apercebeu, embora a luz do quarto se tenha intensificado de imediato. No ecrã estava Fred MacMurray com legendas, um filme antigo pela noite dentro. Dei uma passagem pelos canais e voltei a MacMurray a preto e branco, à sua cara pouco inteligente. E foi então que não pude evitar parar e pensar, embora nunca ninguém pense muito nem considere a ordem em que os pensamentos serão contados ou escritos: «O que faço aqui?», pensei. «Estou numa casa que não conheço, no quarto de um indivíduo que nunca vi e do qual apenas sei o primeiro nome, que a mulher dele mencionou natural e intoleravelmente várias vezes ao longo do serão. Também é o quarto dela e por isso aqui estou, velando a sua indisposição depois de lhe ter tirado algumas peças de roupa e de lhe ter tocado, a ela conheço-a, embora pouco e há apenas duas semanas, esta é a terceira vez que a vejo na minha vida. O marido ligou há umas horas, quando eu já estava cá em casa a jantar, ligou para dizer que chegara bem a Londres, que jantara optimamente na Bombay Brasserie e que se preparava para se meter na cama do quarto de hotel, amanhã tem de trabalhar, está numa viagem rápida de